

tos para estabelecerem a subjectividade do *se*; mormente attendendo-se a que mui facil é pesquisar discordancias nos velhos documentos, e mui difficultoso é explicar o nominativo neo-latino da palavra a que o latim negou esse caso.

d) A apassivação do verbo dá-se normalmente quando o sujeito por natureza é incapaz de ser *agente*, o que se dá se o sujeito é *ser inanimado*; entretanto, pôde não haver tal apassivação mesmo neste caso, como, p. ex., em — *o sol levanta-se, o rio precipita-se*; ahi os sujeitos (sol e rio) apresentam-se á vista como *seres animados*, e, portanto, como *agentes* e *pacientes* da acção verbal, e a voz dos respectivos verbos é *média* ou *reflexa*. A lingua não indaga da realidade scientifica, basta-lhe a apparencia.

Ao invés deste phenomeno, dá-se, ás vezes, a apassivação verbal com seres animados como sujeito, sempre que o sentido mostrar que o sujeito é apenas o *paciente* da acção recambiada, p. ex.: *Condemnou-se o réo a galés, convidam-se os patriotas, esses povos chamam-se romanos*. Existe nessas phrases e outras semelhantes uma incapacidade eventual de os sujeitos (*réo, patriotas, povo*) serem *agentes*, embora representem entes animados. O caracter passivo de taes construcções frequentemente se revela na velha lingua pela enunciação do agente da passiva:

E as que se acharam per Christovão Colon (Dec. I. 387) — mares que se navegam pelo feio phoca (C.) — Sahio da sua tenda acompanhado de sua mãe, pela qual tudo se governava (F. M. P., Per. 2. 9).

e) Se bem que, menos frequentemente, tal apassivação pôde ainda operar-se na 1.^a e 2.^a pess., com os pronomes — *me, te, nos, vos*, empregados reflexivamente:

Eu me baptizei em creança = eu fui baptizado, nós nos consumimos de tristeza = nós somos consumidos, eu me chamo Antonio = sou chamado Antonio (ego vocor Antonius) — Onde se castigavam desafios com mercês? (Luc. L. Cl. 1. 5.) — Nos Brasis, nas Angolas, o rei se conhece só por fama, e se obedece só por nome (A. V., S. 2. 308) — As culpas por que se condemnam os réos, são as que se conteem nos relatorios das sentenças (Id., ib. 182) — Quebram-se as immunidades da igreja, maltratam-se os ministros do evangelho, impedem-se as conversões dos gentios (Id., ib. 186).

III. Com os verbos transitivos — *dizer, contar, referir* e outros semelhantes, emprega a lingua este processo apassivador dando por sujeito uma oração infinitiva ou do modo finito, introduzida pelo *que*, deixando indeterminado o agente: *Conta-se ter elle morrido* ou *conta-se que elle morreu*.

Este processo *passivo* com indeterminação do agente pôde ser substituído por um outro na voz *activa* com indeterminação do sujeito-agente, isto é, com esses verbos empregados impessoalmente na 3.^a pess. do plural: *Contam ter elle morrido* ou *que elle morreu*.

IV. Com outros verbos transitivos *directos*, que não os do paragrapho anterior, presta-se a lingua a este processo apassivante impessoal, com o sujeito *indeterminado*, levando-se para *dativo* o termo que seria *objecto directo* ou *accusativo* da voz activa. Assim se diz — *ama-se aos paes, previne-se aos alumnos, respeita-se ao juiz, pune-se aos vicios*, com sujeito indeterminado. Os verbos pessoais e transitivos directos tornam-se nesse typo de phrase — *impessoaes* e *transitivos-indirectos*. Que a voz desses verbos é passiva, é evidente pelo facto de não se lhe poder dar *accusativo* ou *objecto directo*, que caracteriza a voz activa como prova o caso obliquo unico admissivel nessas phrases, que é o dativo *lbe*, e nunca o accusativo *o*: *ama-se-lhes, previne-se-lhes, respeita-se-lhes, pune-se-lhes*, e não: *ama-se-os, previne-se-os, respeita-se-os*, etc. Tal syntaxe encontramos na lat.: *invidetur divitiis*, que, como observa o Dr. Ernesto Carneiro, pudera ser — *invidentur devitiae*.

A este typo de apassivação, que apresenta no hespanhol tão largo desenvolvimento, pertencem os seguintes exemplos de nossos bons escriptores:

Teme-se muito á Sicilia, que tambem consigo não está pacífica (A. V., C. I. 252) — E' muyto justo e conveniente que se respeyte tambem aos dotes (D. de Paiva, Cas. Perf. 138) — Por tudo isto se admira a Vieira; a Bernardes admira-se e ama-se (A. C., Livr. Class., M. Bern. II. 285) — Louva-se ao deus Termino (A. C., Os Fast. I. 149).

a) Offerece as seguintes vantagens esta construcção passiva de verbos transitivos directos com *dativo*:

1.^a Evita a eventual confusão do *objecto* com o *sujeito* nas orações de sujeito indeterminado, p. ex.:

Nesta terra punem os vícios, amam os paes, castigam os filhos, respeitam os juizes; com mais clareza se dirá: Nesta terra pune-se aos vícios (ou punem-se os vícios), ama-se aos paes, castiga-se aos filhos, respeita-se aos juizes.

2.^a Evita-se ainda a natural confusão, que, em certas phrases, póde dar-se com as fórmulas *reflexas* ou *reciprocas*, p. ex.:

"Nesta terra ama-se o homem, respeita-se o juiz, reprehende-se o criminoso, punem-se os malfeteiros, previne-se o publico"; o que sem ambiguidade se dirá: "Nesta terra ama-se ao homem, respeita-se aos juizes, reprehende-se ao criminoso, pune-se aos malfeteiros, previne-se ao publico".

b) Os verbos *transitivos-indirectos* e os *intransitivos* prestam-se igualmente a ser construidos na passiva impessoal na 3.^a pess. do sing. com o pronome reflexo *se*: "Aqui *se* resiste aos soberbos e *se* attende aos humildes; nem sempre *se* gosta do que é bom; tracta-se hoje de negocios; entra-se na sala; falla-se de politica; vive-se, passeia-se e dorme-se bem". Exs.:

Tambem em Roma se morre (A. V.) — Não se sabe delle (Id.) — Queremos ir por onde se vae ao céo (Id.) — A morte tem duas portas: uma de vidro por onde se sae, outra porta de diamante por onde se entra á eternidade (Id.) — Sae-se por onde se entra (A. C.).

c) Esta passiva impessoal dos verbos *transitivos-indirectos* e *intransitivos* filia-se ideologica e syntacticamente no latim, onde era commum a passiva impessoal de taes verbos:

Vivitur (vive-se), ambulatur (passeia-se), pugnatum est (pelejou-se), sic itur ad astra (Verg. = assim se vae aos céos), curritur (corre-se) — Vivitur parvo bene (Hor.) — Vivitur e raptó (Ov. ap. Serões 690) — Itum est in viscera terrae (Id., ib.).

d) A analogia tem impellido este processo de passiva impessoal com o reflexivo *se* até aos proprios verbos *ser* e *estar* e os outros verbos de ligação, embora repugne aos grammaticos reconhecer o cunho de vernaculidade em expressões como estas: — Quando *se* é bom, *é-se* obrigado a

ligar duas palavras (O. Mendes). Séria difficuldade já existe, entre os grammaticos, em se conceber a passiva impersonal de verbos neutros, *relativos* e *intransitivos* (*vive-se, vae-se ao céu, passeia-se*); cresce sobremaneira, com os verbos *ser* e *estar*, o embaraço para ajustarmos taes expressões ao nosso conceito grammatical da voz passiva. A lingua, porém, não raro faz timbre em desprezar os apuros dos grammaticos. Já agora parece inutil erguer protestos contra este *quinto typo* do uso da particula apassivadora, e nem é preciso buscarmos no malsinado gallicismo a razão do seu actual desenvolvimento, pois, como se vê dos paragraphos antecedentes, a corrente analogica no seio da propria lingua o explica sufficientemente. Não só em escriptores de ordem secundaria, mas ainda em outros de maior tomo encontramos modernamente homologado tal uso. Exs.:

Assim se era amado, porque se amava, e se amava, porque se era amado (A. C., Felic. pel. Agricult., 25) E'-se inclinado a admittir (Id.) — Lá se era e se fazia tudo isso fadadamente, como fadadamente se é e se faz hoje o diverso ou o contrario (Id.) — E'-se invadido do humor no restaurante de Star and Garter (C. C. B.) — Não se é grande no mundo, senão quando se é fanatico por uma idéa (P. Chagas) — E nunca se é assim: é-se invariavelmente assado, como dizia o padre Marques (Eça).

e) No proprio latim temos a origem de tal processo apassivador com o reflexivo *se*, quando o sujeito está inibido de ser agente. A seguinte phrase offerece um typo classico: *Valvulae se aperierunt* — *abriram-se as valvulas*, onde o sujeito *valvulae* é apenas paciente, tendo, portanto, a expressão verbal valor passivo. Na propria lingua-mãe, consequentemente, encontram as linguas romanicas o typo original, de um processo apassivante, a que, entre nós, o quinhentismo deu largo desenvolvimento. Desde os primeiros documentos da lingua encontramos delle amiudados exemplos:

Mordaret, muito mal me ás feito, mas nonse vos tornou a prol (Chrest Arch. 45) — screva cousas de boa sustancia claramente, pera se ben poder entender (Ib. 30) — A causa principal... fora estarem em seu poder a maior partê das especiarias, que por mãos dos Mouros se navegavam pera as partes da Christandade (Dec. I. 339) — ...e as qué se acharam per Christovam Colon (Ib. 387) — ... dia em que se viram passarem algu-

mas cousas, de que lhe parecia a elle capitão poder ter algum desprazer (U. 420) — Sua determinação era nam parecer ante elle, te passar o perigo da aventura que dá Grã Bretanha se soava (Palm. I. 178) — Isso quero eu ir saber, pois que tal coisa se soa (C., Amph., act. 5, sc. 4) — Neste mesmo tempo se descobriam as illhas, a que se chamam de Cabo Verde, por Antonio de Nülle (Dac.).

Obs. I. As construcções *impessoaes* da 3.^a pess. do sing. chama Andres Bello, em sua *Gramática Castellana, construcciones irregulares quasi-reflejas*, “que son las que tienen el acusativo reflejo *se*, i pertenecen todas a la tercera persona de singular: *se duerme, se canta, se baila*”. O unico sujeito que se offerece á mente, accrescenta elle, é a mesma acção do verbo, como se dissessemos — *executa-se o dormir, o cantar, o bailar*. Já Presciano, grammatico latino, por elle citado, assim pensava: *Cum dico curritur, cursus intelligitur, et sedetur sessio, et ambulatur ambulatio*. “Estas construcções anómalas quasi-reflexa da 3.^a pess. póde-se dizer que entram no processo ordinario da conjugação; porque são poucos os verbos que não se conjugam alguma vez deste modo; são reflexos na fórma e passivos no sentido”. Em portuguez como vimos, até o verbo abstracto *ser* está sendo arrastado a esta apassivação impessoal, a que o illustre grammatico venezuelano, chama — *construcções irregulares ou anómalas quasi-reflexas*.

Obs. II. E’ geralmente desconhecida de nossos escriptores a construcção impessoal na 3.^a pess. do sing. dos verbos *transitivos directos* (*admira-se a Vieira, honra-se aos magistrados*), e um illustre professor, respondendo pelas columnas de um dos diários da Capital Federal, a uma consulta que se lhe fazia sobre o ponto, mostrou ignorar esse processo da lingua e a differença entre — *previnem-se os deputados e previne-se aos deputados*. Entre os professores, tem causado graves perplexidades e, mesmo, determinado conversões á subjectividade do *se*, a phrase de A. Castilho, em sua Noticia da Vida e Obras do Padre Bernardes: “Por tudo isto se admira a Vieira; a Bernardes admira-se e ama-se” (M. B. Exc., II. 285) — Em hespanhol é de largo uso este processo, e sobre elle discorre Andres Bello em sua conceituadissima *Gr. de la Leng. Castellana*, ps. 243. 244. nos seguintes termos, que se ajustam ao nosso idioma:

“El verbo de construccion impersonal puede llevar su acostumbrado régimen *“Se pelea por caballo”*; *“Se vive com zozobra”*; *“Se trata de un asunto importante”*. Pero aqui se ofrece una duda: el complemento acusativo subsiste tal en la construccion impersonal quasi-refleja, o varia de naturaleza? Cuando decimos, *“Se admira a los grandes hombres”*; *“Se colocó a las damas en un magnifico estrado”*, debemos mirar estos complementos a *los grandes hombres, a las damas*, como verdaderos acusativos? Yo me inclino a creer que nó: lo primero, por la modificacion de significado que esta construccion produce en el verbo: *se admira es se siente admiracion*; *se coloca es se dá colocacion*; *se alaba es se da alabanzas*: sentido que parece pedir mais bien un dativo. Lo segundo, porque si e. complemento se tiene por término el demostrativo *él*, no le damos otras formas que las del dativo: *“Se les admira”* (*a los grandes hombres*), *no se los admira*. Lo tercero, porque si el complemento

leva por termino un nombre indeclinable, es de toda necesidad ponerle la preposicion *a*, que en el dativo de estos nombres, no puede nunca omitirse, como puede en el acusativo; así, o decimos “Se desobedece *a los preceptos*” de la lei divina”, en construccion impersonal, o “Se desobedecen los preceptos”, en construccion regular, haciendo a *los preceptos* sujeito; pero no podemos decir: “Se desobedece los preceptos”. Contra esto puede alegar-se que el verbo en la construccion impersonal pide las formas femininas, *la, las*: “Se *la* trata con distincion”, “Se *las* colocó en los mejores asientos”. Pero esta razon no es decisiva, porque *la* i *las* son formas que se emplean (empregam) frecuentemente como dativos. De manera que la regla es emplear en la construccion impersonal como dativo el que en la construccion regular es acusativo, pero con la especialidad de preferir-se *la* i *las* a *le* i *les* en jencro *feminino*. (No faltam, en la construccion impersonal de que se trata, ejemplos autorizados de *le, les* femininos).

Si el término del complemento es *persona*, se prefiere la construccion anómala cuasi-refleja, convirtiendo el acusativo en dativo: “Se invoca a los santos”; “Se honra a los valientes” (honra-se aos valentes); “Se nos calumnia” (calumnia-se-nos); “Se les lisonjea” (lisonjeia-se-lhes). Pero se el término es de *cosa*, la construccion que ordinariamente se emplea es la regular cuasi-refleja: “Se olvidan los beneficios” (olvidam-se os beneficios), “Se fertilizam los campos con el riego” (fertilizam-se os campos com a irrigação). “Se olvida a los beneficios” (olvida-se, aos beneficios) i “Se fertiliza a los campos” (fertiliza-se aos campos), seriam personificaciones durissimas; pero la mas intolerable seria, “Se olvida los beneficios” (olvida-se os beneficios), “Se fertiliza los campos” (fertiliza-se os campos).

V. Existe ainda um terceiro processo da passiva em portuguez, que se filia á *depoencia* latina. Dá-se isto com certos verbos transitivos directos no infinitivo, collocados como complementos de adjectivos, ou de verbos como — *fazer, deixar, ver, ouvir, sentir, mandar*. — Exs.:

Osso duro de roer = de ser roido, lição difficil de estudar, fi-lo prender (ser preso), deixei-o amarrar (ser amarrado), fazê-lo carregar pela artilheria, não ser isso para imitar, estar a casa para alugar, manda-lo prender — Isso de tirar e pôr principe pelo povo, são opiniões mal soantes (A. H.) — A guerra faz-se para ter paz (A. de F.) — ... a qual gente sempre ouvira nomear por guerreira (Dec. I. 364).

Voz reflexiva

681. A VOZ REFLEXIVA ou *médio-passiva* é apenas uma variante da voz activa, e dá-se quando o objecto-directo está em relação de identidade com o sujeito, isto é, quando é representado por um pronome da mesma pessoa e numero que os do sujeito: *Pedro se feriu, nós nos ferimos*.

Por esta razão dá Darmesteter apenas duas vozes ao verbo — a *activa* e a *passiva*.

Não possui o portuguez fôrma synthetica para esta voz, mas serve-se, como o latim, de um pronome obliquo da mesma pessoa que o sujeito para indicar a reflexibilidade da acção verbal: *Cesar louva-se* (*Cæsar laudat se*).

O grego possuia uma fôrma organica para esta voz medio-passiva, que quasi não se differencava da passiva.

682. Os verbos conjugados na voz reflexa, por isso que são sempre acompanhados de um pronome obliquo, denominam-se *pronominaes*, e delles existem duas classes: a) os pronominaes *essenciaes*, *proprios* ou *subjectivos*, e b) os pronominaes *accidentaes*, *improprios* ou *reflexivos*.

682. Os verbos conjugados na voz reflexa, por isso que são sempre acompanhados de um pronome obliquo, deno-pronome obliquo, nos quaes a reflexibilidade da acção é obscura, tendo o pronome reflexo que os acompanha, um simples valor subjectivo, como — *arrepender-se*, *condoer-se*, *queixar-se*.

A Darmesteter repugna a designação de *essenciaes*, visto que a historia da lingua mostra que o pronome obliquo não é exigido pela natureza do verbo, não pertence á sua essencia, e, no decurso do tempo, muitos dos que se apresentam com o character de pronominal essencial em uma época, passam posteriormente para a categoria de pronominal accidental, como actualmente notamos com *lembrar-se*, *esquecer-se*, que apparecem frequentemente sem o pronome reflexo, ou perdem inteiramente a feição pronominal. Vejamos alguns exemplos:

Mordaret, vosso sobrinho, se jurou con todolos omeus boos da terra contra vos (Chrest. Arch., 43) — Quando eles viron que non ficou i homem con que se combater podessem (Ib. 47) — Assi, disse Gifst, en vão me trabalharei de preguntar como rei Artur morreu (Ib. 55) — E já que fallamos de precauções, não esqueça o que diz Plinio (A. C.) — Cumpre não esquecer que essa lingua devia ser a quotidiana (A. H., H. de Port. I. 41). —

Não te esqueças meus duros pesares

Não te esqueças por ellas de mim,

Não te esqueças de mim pelos mares,

Não me esqueças na terra por fim. (G. D., Poes. I. 115).

684. O poderem conjugar-se verbos *intransitivos*, que expressam em si acção completa, com um pronome reflexivo. veio ao portuguez, não do lat. class., mas do lat. pop. É um phenomeno commum das linguas romanicas, e esse pronome, cuja reflexibilidade é obscura, "tem por unico objecto pôr em evidencia o character intimo e espontaneo da acção".

685. Esta pronominalidade dos verbos *intransitivos* e neutros era muito mais abundante na antiga linguagem do que actualmente. Este pronome reflexo, que arbitrariamente acompanha essa classe de verbo, representa, segundo Diez, não o objecto directo ou *accusativo*, mas o *dativo*. Esta anomalia é um phenomeno neo-latino, que vicejou exuberante no periodo medieval e que o portuguez moderno tem restringido mais que o hespanhol, e no fallar do Brasil mais que no de Portugal. Como se vê nos exemplos do paragrapho antecedente e nos que aqui damos, era frequente nos textos archaicos encontrar-se: *jurar-se, trabalhar-se, combater-se, subir-se, descer-se, morrer-se, soffrer-se, cabir-se, partir-se, vir-se, ir-se, ficar-se, estar-se, começar-se, lembrar-se, esquecer-se, arrepende-se, condoer-se, apiedar-se.*

Obs. Não se confunda o *dativo* destes verbos *intransitivos* e neutros, que tem por fim unico salientar o character intimo e espontaneo da acção, ou, como dizem nossos grammaticos, a *espontaneidade do sujeito*, com o *dativo ethico*, que acompanha eventualmente verbos *transitivos* com o fim de dar mais calor á acção verbal e alludir ao interesse que nella tem o que falla : *Olhae-me a cara daquelle tractante. — Quem m'a malou.* (A. F., Castr. 76).

686. Dos verbos *pronominaes* no v. port. vária é a sorte no estado actual da linguagem, em verbos já de formação antiga, já de formação moderna.

1º Uns conservam *habitualmente* o pronome, são os chamados *pronominaes essenciaes*:

Arrepende-se, condoer-se, apiedar-se, abster-se, atrever-se, gloriar-se, persignar-se, dignar-se, indignar-se, queixar-se, amercear-se, encanizar-se, apavonar-se, abesphinhar-se, comprazer-se, acaçapar-se, alapar-dar-se, agaiatar-se, e outros.

2.º Outros guardam a fôrma reflexa facultativamente:

Sorrir-se ou sorrir, rir-se ou rir, encontrar-se (com alguém) ou encontrar (alguem), ir-se ou ir, partir-se ou partir.

Muitos destes, por menos usual na fôrma reflexa, quando nella empregados, dão mais graça e energia á expressão. O pronome reflexo tem o effeito de salientar o interesse mais vivo e espontaneo do sujeito no factio verbal; dahi a sensível differença no valor expressivo das seguintes phrases:

Sahir bem e sahir-se bem, ir embora e ir-se embora, morrer de tristeza e morrer-se de tristeza, estar descansando e estar-se descansando. — Alma minha gentil, que te partiste (C.)—Os peixes pelo contrario lá se vivem nos seus mares e rios (A. V., S. 1. 35)—Elle se estava mui descansado em seu palacio (A. V.)—Se poesia se vive entre estes aldeões (A. C.) — Mas eu me sahi, e me fui embarcar a toda pressa (A. V., C. 1. 43) — No mesquinho paul dos humanos enredos se andavam rebolando os contemporaneos (L. C., Cam. 199) — A poesia moderna produziu seu mundo, viu que estava bem, e nessa visão beatifica se ficou (A. C., Am. de Ouvidio 19) — Levantou-se Jacob, e veo-se ao Egipto com toda sua geração (Chrest. Arch. 96) — Com elle se sahio fóra da casa (G. de Rez. 288) — Era tão baixinho, que uma vez para ser ouvido se atrepou a um cepo (M. B., l. 225) — Siga-se rei a rei (Id. l. 275).

687. Repugna á lingua a fôrma pronominal reflexa nos infinitivos regidos pelos verbos — *fazer, deixar, ver, ouvir*: "*Fazei-os sentar (e não sentar-se), fazei-os arrependder, deixae-os queixar, vi-o partir, ouvi-o rir*".

688. PRONOMINAES ACCIDENTAES, IMPROPRIOS OU REFLEXIVOS. São estes geralmente verbos transitivos cujo objecto, *directo* ou *indirecto*, conforme o sentido, é representado por um pronome obliquo, em *accusativo* ou *dativo*, que mantem relação de identidade com o sujeito: *dar-se ao trabalho* e *dar-se os parabens, ferir-se na face* e *arrogar-se o direito*.

689. PRONOMINAES RECIPROCOS. Acontece, ás vezes, que o sujeito é duplo ou multiplo e a acção *reciproca*, e, neste caso, é usual chamar-se o verbo *reciproco*: *Pedro e Paulo encontraram-se*. E' antes uma *voz reciproca* que um verbo reciproco.

Sendo o processo da *voz reciproca* identico ao da *voz reflexa*, é claro que em muitas phrases haveria ambigui-

dade, se algum adverbio ou explicação não viesse elucidar o sentido, v. gr.: *Elles feriram-se*, onde tanto pôde ser cada um ferir-se *a si proprio*, como *uns aos outros*. Dahi a necessidade de acrescentar *reciprocamente, um ao outro, uns aos outros, ou a si propios, cada um a si proprio*, conforme for a voz *reciproca* ou meramente *reflexa*.

Permite, entretanto, a lingua indicar a reciprocidade por outro meio que não o da fôrma reflexa, Exs.:

Um feriu ao outro, uns feriram aos outros (cf. ferindo-se uns aos outros), este desaveio com aquelle (cf. ambos se desavieram), Pedro encontrou-se com Paulo, ou encontrou a Paulo (cf. Pedro e Paulo encontraram-se) — Encontram-se por um instante os olhares, trocam-se por um sanctiamen as improvisas e fataes inclinações (L. C.).

Verbos Impessoaes

690. SÃO VERBOS IMPESSOAES os que expressam factos sem referencia a sujeitos determinados, São *pessoaes* os verbos “que apresentam a acção em relação com a pessoa ou coisa que a produz”; são *impessoaes* os que a exprimem sem relação com a causa productora, taes como — *chove, amanhece, troveja*. Do latim herdou o portuguez, com as linguas romanicas, tal processo grammatical.

691. CLASSIFICAÇÃO. Dos *impessoaes* apresenta a lingua dois typos: *impessoal essencial* e *impessoal accidental*.

I. IMPESSOAL ESSENCIAL. Verbo impessoal essenical é o que designa phenomeno de natureza inorganica, ou meteorologico, e que, tanto em lat. como em port., apparece na phrase sem relação com a causa productora do facto verbal, isto é, sem sujeito determinado, taes são: *chove* (lat. *pluit*), *amanhece* (lat. *lucescit*), *troveja* (lat. *tonat*).

De dois modos a lingua, dando-lhes sujeitos expressos, torna *pessoaes* estes verbos *impessoaes*:

1.º Em sentido *factitivo*, dando-se-lhes por sujeito o que se apresenta ao espirito como a *causa* ou *origem* do facto verbal:

Chove o céu (o céu faz chover), troveja Jupiter (Jupiter faz trovejar) amanhece o dia (o dia faz amanhecer), o céu de todas partes chovendo lanças e fulminando raios (A. V., ap. Serões 395) —

Eia, ás aras pacificas vos chamam ;
Sacerdotes, voae, chovei-lhe incenso

(A. C., Os Fast. 1. 77)

2.º Em sentido *figurado*, dando-se ao verbo, empregado com significação analogica ou figurada, por sujeito o que se offerece á mente como a *fonte* ou o *resultado* do facto verbal:

Trovejam os canhões, chovem protestos, amanhece-lhe a intelligencia, anoitece-lhe a vida ; “muitas bençams, muitas graças chovam nesta habitação (A. C.) — E se em vez de bolotas me chovessem cabaças (Fab. 315) — Da espessa nuvem settas e pedradas chovem sobre nós outros sem medida (Lus. 5. 33) — Chovam as nuvens o justo (A. P.) = Nubes pluant iustum (Vulg.).

Obs. No latim se diz — *pluit sanguinem* = *chove sangue* ; *sanguinem* (Liv.) em accusativo mostra que a lingua latina o considera *objecto directo*, que vae sempre para accusativo : *Pluit ignem* (= *chove fogo* — Hier), *sanguinem pluisse annunciatum est* (Cic.) — A’s vezes levavam para ablativo o resultado do facto verbal : *Saxo pluunt* = *caem pedras como chuva* ; *bellaria adorea pluebant* = *choviam os bolos*. — Differentemente do lat., o port. encara como *sujeito*, e põe em nominativo o que o lat. leva para accusativo : *chovem canivetes, chovem setas e pedradas* (C.), *chovessem cabaças* (F. Elysio), *chovam graças* (A. C.).

II. IMPESSOAL ACCIDENTAL. Além dos impessoaes proprios, estudados no paragrapho anterior, desenvolveu-se com certos verbos pessoaes um emprego *impessoal*, sem referencia a sujeito determinado.

Os impessoaes deste typo desdobram-se em dois grupos: os de *fôrma activa* e os de *fôrma passiva*.

1.º *Impessoaes de fôrma activa*. Estes por sua vez se distribuem em duas categorias: os da 3.ª pess. do sing. e os da 3.ª pess. do plural.

a) *Os impessoaes da 3.ª pess. do singular*. Dá-se este phenomeno com os verbos — *haver, fazer, ser, estar, ir, etc.*
— Exs.:

Ha homens, faz dois annos, faz frio, é tarde, está quente. — Mal vae á casa onde a roca manda á espada — Onde bem me vae, tenho mãe e pae — Mal vae a quem suppõe que possa dar de si ternura (A. C., l. D. 115). Felipa, como te vai? (G. V., 2. 429).

b) *Os impessoaes da 3.^a pess. do plural.* Dá-se este phenomeno com os verbos — *dizer, contar, relatar, referir, fallar, ensinar*, e muitos outros:

Dizem que elle vive, contam que morreu, ensinam o que não se deve. Fallarem-me de herdar são facadas mortaes (A. C., D. 61).

2.^o *Impessoaes de fórma passiva.* Este phenomeno já estudado, quando tractámos da voz passiva, realiza-se com os verbos quando *intransitivos e relativos*, empregados na 3.^a pess. do sing., acompanhados do pron. reflexivo *se* e sem sujeito determinado (680). — Exs.:

Entra-se constantemente nesta sala, falla-se em guerra, ama-se a Vieira, vive-se bem, morre-se aqui de tristeza, passeia-se, come-se, bebe-se, regala-se.

Esta fórma de passiva impessoal corresponde, como mostrámos, ás fórmulas latinas da passiva: *curritur, ambulatur, vivitur, bibitur, pugnatum est, pugandum est.*

692. ALGUNS VERBOS QUE SE TORNAM IMPESSOAES. Merecem especial estudo alguns verbos que, no desenvolvimento historico da lingua, assumiram em certas phrases feição impessoal.

1.^o HAVER. Para designar a existencia empregava o latim o verbo *esse* (= *ser*) na fórma pessoal: *sunt homines* = *ha* ou *existem homens*. O inglez, como o latim, empregava o mesmo verbo *ser* = *to be* nessas phrases de existencia, ajunctando-lhe o adverbio *there* = *ahi*: *there are men* = *ha homens*. Lá pelos fins da época latina, começa o verbo *habere* → *haver*, seguido de *accusativo* e empregado impessoalmente, a substituir o verbo *esse* nessas expressões.

Já no latim da Vulgata (sec. V) lê-se: *Quia jam multum tempus haberet* = *já muito tempo houvesse*. O mesmo traductor da Vulgata, S. Jeronymo, escreve (epist. 129. 9): *...in arca Noé habuit homines* = *na arca de Noé houve homens*. Esse typo de expressão generalizou-se no Occidente. Aparece amiudadas vezes, como no inglez, o adverbio de logar na fórma — *ibi habet*, que se tornou em francez — *il y a*, e no port. archaico — *ha hi, a y, bai*. — Exs.:

Houve muitos e differentes votos (Dec. I. 268) — Ha hi ave, nos Céos, melhor prendada? (Fab. 78) — Que geração tão dura ha hi de gente (Lus. 2. 81) — Cá e lá más ladas ha — Muitos ministros ha no mundo, e em Portugal mais que muitos (A. V., S. 2. 317) — Em mim ha dous eus (H. P., Im. 1. 11) — Oh! elle ha frade no caso (G., Viag. 140).

Obs. Contrariamente ao francez, o adverbio *hi* ou *ahi* não é obrigatorio, e só apparece no caso de emphase. — Na linguagem popular e nos escriptores que a imitam, costuma dar-se, como em francez, o pronome *elle* por sujeito grammatical ficticio: Não que elle ha marotos grandes na tropa (C. C. B., Corj. 24) — Elle ha de haver muitas boas, mas lá outra como aquella... (A. C., O. Doent. 201).

O facto raro de apparecer em alguns auctores o verbo *haver*, nessas *phrases de existencia*, no plural, empregado pessoalmente, dando-se-lhe por sujeito o que é historicamente o objecto, deve ser lançado a conta de deslize do auctor ou do typographo: “O remedio que... procuram dar... a esta tyrannia, foi mandar totalmente cerrar os sertões e prohibir que não *houvessem* resgates” (A. V., C. I. 22).

2.º FAZER. A’ b. latinidade pertence igualmente o emprego do verbo *fazer* como impessoal nas expressões *faz frio*, *faz cinco annos*. No seculo V, St. Agostinho escrevia: *Nunquam fecit tale frigus* (Serm. 25. 3). E Gregorio Tur. H. F. 3. 37, mais tarde tambem escrevia: ... *gravem eo anno hiemem fecit* — *faz nesse anno rigoroso inverno*. *Frigus* e *hiemem* são objectos-directos, pois estão em *accusativo*, que em latim é o caso do paciente da voz activa, ficando indeterminado o sujeito. Desse processo medieval herdamos a impessoalidade do verbo *fazer*: *Faz muitos annos que não o vejo*.

3.º SER Apparece frequentemente o verbo *ser*, como impessoal, sem sujeito determinado, em certas phrases, taes como — *é tarde*, *é cedo*, *é claro*, *era já escuro*, *é quente*, *é frio aqui*. — Na linguagem popular e em alguns auctores ás vezes apparece, como em francez, o pronome *elle* como sujeito grammatical ficticio: *Elle é ainda muito dia* (A. P.).

4.º ESTAR. Como impessoal é de uso frequente o verbo *estar*, em expressões como estas — *está quente*, *está frio*, *está claro*, *está escuro*, *está tarde* (cf. *é tarde*, *é cedo*).

Verbos periphrasticos

693. Para exprimir certas modalidades da acção, assume o verbo fórmãs complexas, constituídas por certos *auxiliares* e o *gerundio* ou o *presente do infinito*. Estas linguagens ou *verbos periphrasticos* não se devem confundir com os tempos compostos ou *conjugações periphrasticas*, formadas pelos auxiliares *ter*, *haver* e *ser* e o participio passado dos verbos, que se conjugam.

Na conjugação dos verbos periphrasticos, como nas outras, discrimina-se a *voz activa* da *passiva*.

Nestes verbos o *auxiliar* caracteriza a modalidade da acção, e o *gerundio* ou o *infinitivo* presente encerram o conteúdo significativo do verbo. — Estudemos alguns auxiliares dessas expressões verbaes periphrasticas.

1.º ESTAR. Juncto a *gerundios*, *estar* indica *actualidade*, *continuidade* ou *frequencia* da acção verbal, e fórmula os *verbos periphrasticos frequentativos*, a que outros chamam *voz frequentativa*: *estar fallando*, *estar trabalhando*, *estar partindo*.

Com o presente do infinito regido da preposição *a*, exprime-se, em geral, o mesmo sentido: *estar a fallar*, *estar a trabalhar*, *estar a partir*. Esta fórmula, porém, é menos expressiva e precisa, para indicar a actualidade e continuidade da acção, que a gerundial, pois a preposição *a*, nessas phrases, indica em rigor não a actualidade, mas a proximidade e imminencia da acção, de sorte que ha sensível differença entre — *o vapor está partindo* e *o vapor está a partir*, *o muro está cabindo* e *o muro está a cabir*, *ella está expirando* e *ella está a expirar*.

Em Portugal, entretanto, preferem geralmente a fórmula infinitiva para essas locuções verbaes frequentativas; aqui no Brasil, porém, é mais commum a gerundial.

Na exuberancia de suas flexões verbaes, possui o portuguez fórmãs simples ou *syntheticas* para essa modalidade de acção frequentativa: as desinencias verbaes — *-ejar* e *-ear* unidas ao thema de muitos verbos, trazem essa idéa: de *espanar* *espanejar*, de *saltar* *saltear*, de *estrondar* *estrondear*, de *viçar* *vicejar*, de *passar* *passear*, e assim tambem

— *manejar, manusear, folhear, pompear*, etc. Concorrem muitas vezes estas fórmulas syntheticas com as analyticas ou periphrasticas em reforçada expressão: *a seara está vicejando*. Forma-se a *voz passiva* desses verbos periphrasticos, quando transitivos directos, do mesmo modo que as dos verbos simples, com o auxilio de *ser* ou da particula apasivadora:

Estou escrevendo uma carta = uma carta está sendo escripta on está-se escrevendo uma carta (estão-se escrevendo duas cartas).

2.º ANDAR. — Este verbo, com o *gerundio* ou com o *infinito* regido de *a*, expressa, com mais precisão, a *continuidade* ou *frequencia* da acção do que o antecedente, que, entretanto, melhor exprime a *actualidade*:

Andar fallando ou a fallar, andar trabalhando ou a trabalhar, andar lendo um livro (cf. estar lendo um livro).

A *voz passiva* forma-se do mesmo modo que a do antecedente:

Ando lendo livros, livros andam sendo lidos, andam-se lendo livros.

3.º IR. — Com este verbo e o *gerundio* de outros formam-se periphrases verbaes, que indicam o começo de acção, a que chamam os grammaticos *voz* ou verbo periphrastico *inchoativo* (lat. *inchoare* = *começar*):

Ir apprehendendo, ir crescendo, ir vencendo as difficuldades, ir ganhando fama.

A *voz passiva* fórma-se como a dos antecedentes:

Vou vencendo as difficuldades = as difficuldades vão sendo vencidas por mim, e vão-se vencendo as difficuldades.

Além destas fórmulas analyticas, vieram-nos do latim fórmulas syntheticas *inchoativas* com o suffixo inchoativo *-scer* (← escere), *-ecer*: *florescer* (← florescere) = *começar a florir*, *embarbecer* = *começar a barbar*; *enriquecer* (cf. *enricar*), *amanhecer*, *anoitecer*, *escurecer*, *envilecer*, *entristecer*.

A noção inchoativa dessas fórmulas syntheticas é, na actualidade da lingua, attenuada ou obscura; dahi certa neces-

sidade de clarear a idéa inchoativa com o reforço das fórmas *analyticas*:

A seara vae amadurecendo, vae amanhecendo, elle foi empobrecendo até final miseria.

4.º VIR. — Entra este verbo em composição com o *gerundio* de outros ou delle proprio para formar verbos periphrasticos de acção *começada e continuada*, formando a *synthese* das duas noções *inchoativas e frequentativa*:

O navio vem chegando ao porto, ha muito vem elle dissimulando seus intentos, o dia vem vindo.

Com o *infinito* regido da prepos. *de*, fórma elle uma periphraze verbal indicativa de acção recente:

O correio vem de chegar — Ho estorçado Polendos, que era capitã da galee, que vinha de correr e atravessar todolos mares (Palm. I. 42).

5.º FAZER. — Com o *infinitivo* puro de outros verbos ou delle proprio, fórma este verbo locuções verbaes ou verbos periphrasticos *factitivos*: *fazer seccar, fazer enxugar, fazer fazer (o mestre fez ao alumno fazer o que devia)*.

6.º TER E HAVER. — Como já vimos, auxiliam estes verbos a outros e a si proprios no *infinito* regido da prepos. *de*, na formação de conjugações periphrasticas, communicando a todos os tempos a idéa de futuridade, chamadas por isso *linguagens projectadas*, p. ex.: *tenho de estudar e hei de estudar, tinha de estudar e havia de estudar, etc.; tenho de ter ou de haver, e hei de haver, etc.* Nas conjugações ou verbos periphrasticos assim formados differencia-se o *futuro obrigatorio*, auxiliado pelo verbo *ter*, do *futuro promissivo*, auxiliado pelo verbo *haver*.

No v. port. dos cancioneiros, o *infinitivo* era frequentemente regido da prepos. *a*, hoje archaica, e o verbo *ter* só mais tarde apparece em concorrência com *haver*. Exs.:

Que avias a veer... non avedes muito a viver (C. Arch. 51) —

Senhor, que grav'-oj' a mi é
de m'aver de vos a partir. (Chrest. Arch. 231).

Vou m'eu a la corte morar:
por vos, u for, ei a penar (Ib. 238).

Que coita (pena) tamanha ei a sofrer
por amar amigu' e non o veer! (Ib. 311).

Se quer, Senhor, tanger bem,
Ha de haver mister terceiros (C., Ohrs. 3. 140)

Obs. I. Ainda hoje apparece esporadicamente em bons escriptores essa periphrase com o verbo *haver* sem a regencia da prepos. *de*, como acontecia com a v. ling., apesar de tachada de *solecista* por alguns. — Non foi u ir avia (C. Arch. 272) — Havia deixar (C., O rei Seleuco) — Não havia faltar entre tantar opiniões quem dêsse o seu voto (A. V.)

Havia-lhe perguntar :
Senhora, de que comeis? (C., Ohrs.)

Obs. II. A proposição *de* incorpora-se no verbo *haver* na pronuncia de tal modo que persiste ainda quando soffra ellipse o infinitivo ou se interponha pronome obliquo: "O que hei-de, lá isso hei-de, é rezar uma coroa (A. H., Mon. 2, 167).

Renunciava o metal.
Qu'em rifãezinhos como estes
Ha-se de pôr tal como tal. (C., Ohrs. 3. 77).

M O D O S

695. INDICATIVO. O *indicativo* é o modo da realidade, verbal se realiza, ou são "o aspecto geral em que ella se apresenta". Cinco são os *modos tradicionaes* — INDICATIVO, CONDICIONAL, IMPERATIVO, SUBJECTIVO e INFINITIVO. Estes, excepto, o *condicional*, que é uma criação romanica, nos vieram do latim.

Estes cinco modos podem reduzir-se a dois — o *finito* ou *definito*, e o *infinitivo*, *infinito* ou *indefinito*.

695. INDICATIVO O *indicativo* é o modo da realidade, como diz Darmesteter; "exprime elle um facto real, um juizo affirmativo ou negativo, sob a fórmula positiva ou negativa, nos diversos momentos da duração".

O seu uso era mais geral no portuguez classico e ante-classico do que modernamente. No progresso analytic da lingua o subjunctivo foi-lhe invadindo a esphera, e hoje empregamos este modo onde antigamente preferiam aquelle: "Que os havia de afogar a todos elles e aos montes, e ao mundo, se se não emendavam (A. V., ap. Serões, 410); se se não emendassem, diremos hoje.

696. **CONDICIONAL.** Impugnam Adolpho Coelho e outros o caracter modal do condicional. De facto, oriundo do imperfecto do *indicativo* (*amare* = *habebam* \rightsquigarrow *amaria*), como ficou demonstrado na Morphologia, é elle mais um tempo do indicativo, do que talvez um modo verbal. E' esta a razão por que os seus tempos são frequentemente substituidos ora pelo *imperfecto*, ora pelo *mais-que-perfeito* do indicativo. Exs.:

Se a inveja fosse tinha, muita gente era (seria) careca (Prov.) — Na quarta parte nova os campos ara ; e se mais mundo houvera (houvesse), lá chegara (chegaria) (Lus. 7. 14) — Eu se fosse a senhora, atirava paixões p'ra trás das costas, punha um luctozinho d'anno, por decencia, e, entretanto, ia-me piano, piano, buscando outra fortuna (A. C., Faust.) — Se você vem mais cedo, via coisas bonitas, ou se você tem vindo ou tinha vindo... (J. Moreira).

697. **IMPERATIVO.** E' o imperativo "o modo da necessidade". Elle exprime a ordem e o commando, ou o desejo e a supplica. O tom de voz é o que discrimina entre esses varios sentimentos, p. ex.: *Parti* (eu ordeno), *parti* (eu desejo), *parti* (eu supplico).

O latim possuia dois tempos no imperativo — um *presente* e o outro *futuro*. O *presente* possuia apenas a 2.^a pess. do singular e a 2.^a do plural: *ama* = *ama*, *amato* = *amae*; o futuro possuia a 2.^a e 3.^a pess. do singular, e a 2.^a e 3.^a do plural: *amato*, *amato* = *ama*, *ame elle*, *amatote*, *amanto* = *amae*, *amem elles*.

Só a fórma do *presente* passou para o portuguez, que o emprega ora com o seu valor proprio, ora com valor de *futuro*, v. gr.: *Faça isto agora*, *faça-o quando puderes*.

Frequentemente emprega o portuguez o presente do subjectivo pelo imperativo, e isto não só para supprir a 1.^a e a 2.^a pess., que lhe faltam, mas ainda para abrandar a força imperiosa deste modo, tornando-se dest'arte o presente do subjunctivo a miudo, um *imperativo brando*, em todas as pessoas grammaticaes, p. ex.: *Faça eu isto*, *faças tu*, *faça elle ou você*, *façamos nós*, *façaes vós*, *façam elles*. Esta substituição é de rigor, nas phrases negativas, pois o

genio da lingua repelle o imperativo negativo: *não faças isto, não faças isso*, e nunca — *não faça isto, não faça isso*. Mais adiante, tractando dos *tempos*, estudaremos estas substituições.

698. SUBJUNCTIVO. “O subjunctivo é o modo da possibilidade”. E’ chamado *conjunctivo* por isso que apparece na phrase quasi sempre em conjuncção com o verbo de outra proposição, de que depende, e tambem *subjunctivo* (*sub-junctus* = *posto abaixo*) por estar, em regra, na proposição subordinada: *Duvido que elle venha*.

699. SUBJUNCTIVO INDEPENDENTE. Apesar de seu character subordinado, apparece, entretanto, o *subjunctivo* em certas proposições simples ou independentes nos seguintes casos:

1.º Com o valor de *imperativo*:

Cumpra elle ou você o seu dever e será acceito — Não faças mal a ninguém.

2.º Para indicar *concessão*:

Seja como queres, vá e aconteça o que acontecer.

3.º Com valor *optativo*, para indcar *desejo*:

Seja feliz — Bons ventos o levem ! — Viva a patria ! — Me mellen se eu entendo este doutor (A. H.).

700. SUBJUNCTIVO NAS CLAUSULAS SUBORDINADAS. Nas proposições complexas, o subjunctivo da subordinada exprime *duvida* ou *incerteza*; desde que, porém, a subordinada encerre uma declaração positiva, de accordo com a natureza do verbo da subordinante, é o *subjunctivo* substituido pelo *indicativo*, Exs.:

Subjunctivo

Duvido que venhas
 Receio que vá
 Quero que fique
 Aconteceu que chegasse
 Digo que faça
 Ignoro que seja rico
 Não é evidente que aconteça
 Não vejo como elle possa
 O operario que trabalha, ganha sua vida
 Mostra-me um caminho que conduza ao Céu
 E' o melhor homem que se possa achar
 E' o unico que possa dar
 Ide para onde quizerdes
 Como tivéssemos sahido, não nos encontrou
 Procurou, até que encontrasse
 Não é que o desejemos
 Contente serei, si ficardes
 Se fizeres, sabirci

Indicativo

Sei que vens
 Declaro que vae
 Penso que fica
 Aconteceu que chegou
 Digo que faz
 Sei que é rico
 E' evidente que acontece
 Não vejo como elle pôde
 O operario que trabalhe, ganha sua vida
 Mostra-me o caminho que conduz ao Céu
 E' o melhor homem que se pôde achar
 E' o unico que pôde dar
 Ide para onde quereis
 Como tínhamos sahido, não nos encontrou
 Procurou, até que encontrou
 Não é que o desejamos
 Contente serei, se ficaeis
 Se-fazes, saio

Obs. Em certas clausulas introduzidas por *quem* prevalece o subjunctivo : ex. : “Muitas leis sem haver quem as guarde, são grandes livrarias sem leitores” (Bluteau, ap. E. Dias) — “Ha quem dê por falsa a historia... (A. C., ib.) — “Ha quem pense que a historia serve... (A. V., ib.) — Entre os classicos, entretanto, não é raro o indicativo ; ex. : ...houve quem louvou (A. V., I. 462, ap. E. Dias) ...ouve quem lhe ouviu dizer... (Souza, ib.).

701. Devido ao desenvolvimento do espirito analytico, e não á influencia franceza, como querem alguns, é actualmente mais empregado o modo subjunctivo, do que o era no periodo classico e ante-classico. Em muitas phrases, em que, até Vieira e Bernardes, a lingua preferia o *indicativo*, tem hoje preferencia o *subjunctivo*. Exs.:

Prometteu-lhe ser sua mordoma, se lhe dava saude (se lhe *désse*) (Souza, ap. Serões 410) — E' possivel que havemos de fazer tanto pela vida temporal (A. V., ap. Serões 434).

702. INFINITO. O *infinito* é constituído pelas *fórmās nominaes* do verbo: é mais um nome verbal do que um modo de acção. — Exs.: